

Gros contesta Dornbusch

LIANA VERDINI

BRASÍLIA – Um dos grandes bancos de investimento americano, o Morgan Stanley, não tem dúvida de que a moeda brasileira está sobrevalorizada em relação ao dólar. Mas, segundo seu diretor, Francisco Gros, que já foi por duas vezes presidente do Banco Central do Brasil, a sobrevalorização não ultrapassa os 9%.

O número é completamente diferente daquele apresentado pelo economista Rudiger Dornbusch, professor do Instituto de Tecnologia de Massachusetts (EUA). Anteontem, em Miami, na abertura da assembléia anual da Federação Latino Americana de Bancos, Dornbusch calculou em 15% a depreciação ideal para a moeda brasileira.

“Pelos nossos cálculos, o real estaria sobrevalorizado em algo como 9%, o que quer dizer que até meados do ano que vem isto estará resolvido só com as atuais desvalorizações de 0,6% ao mês, com a continuidade da política cambial”, disse Gros.

O diretor do Morgan Stanley, que teria um encontro com o ministro da Fazenda, Pedro Malan, às 17h, chegou cedo ao Ministério. Tanto que saiu para almoçar com o secretário-executivo do ministério, Pedro Parente, e com o secretário de Política Econômica, José Roberto Mendonça de Barros. Depois de passar a tarde no Ministério da Fazenda, Gros concluiu: “Não achamos que o câmbio seja um problema grave”.

O diretor do Morgan Stanley observou que o governo brasileiro não demonstrou qualquer interesse em ter o apoio do Fundo Monetário Internacional (FMI), cujos técnicos estiveram durante toda a tarde de ontem no ministério. “Acho que este assunto não está em pauta”, disse Gros. Nem mesmo para acalmar os investidores estrangeiros. “Depende do tipo de investimento de que estamos falando”, disse, lembrando do leilão da Enersul hoje, quando é esperada a presença de vários investidores, todos, segundo Gros, muito interessados na empresa.

“O que eu acho é que o programa de privatização continua normalmente, sem interrupções. O dinheiro que deu uma certa estancada foi da parte dos investidores de portfólio, isto é, o mercado nervoso, que está procurando algum patamar de estabilidade para se acomodar. Não estou preocupado. O investimento de longo prazo continua normalmente”, concluiu Gros.

Para outro ex-presidente do BC, Gustavo Loyola, uma desvalorização de 15% do real significaria uma ruptura do processo de estabilização econômica no Brasil. Loyola participou ontem do segundo e último dia da assembléia da federação dos bancos, em Miami (EUA).